

Longo namoro com um violino

15 NOV 1998

Miluse Neradil começou a tocar aos 12 anos, mas a vida a obrigou a abandonar a música. Hoje a tcheca integra uma Orquestra de Cordas

Adriana Baumgratz
Da equipe do **Correio**

As lembranças da guerra na antiga Tchecoslováquia entristecem o olhar cansado. A voz fica mais apertada na garganta e o rosto, sisudo. Miluse Neradil, 78 anos, não se esquece dos tempos difíceis. Toca nos ombros e parece sentir o peso dos pequenos sacos que carregava nas costas, abarrotados de ovos e farinha, escondidos sob a roupa suada. Mantimentos que ajudaram a garantir o sustento da família durante os combates. O medo de ser presa era constante. Parte da comida ficava escondida na terra, no quintal de casa. Os vidros guardavam açúcar e beterraba. A mãe acabou ferida em um dos confrontos. O cunhado morreu. Do tio, com quem aprendeu os primeiros acordes do violino, Miluse se recorda com carinho.

A violinista mais idosa da Orquestra de Cordas de Taguatinga teve

uma infância sofrida, mas nasceu com o dom de tocar o instrumento. Descobriu o talento cedo. Aos 12 anos começou a estudar com o tio. A doença do pai em meio à batalha dificultou o aprendizado em uma escola especializada. O violino foi abandonado. A família fugiu da guerra. Miluse ou dona Vera, como é conhecida entre os integrantes da orquestra, casou-se com Frantisek. Na década de 50, chegou ao Brasil. O casal passou pelo Paraná e São Paulo e acabou se estabelecendo em Brasília. O marido faleceu. Perseverante, a tcheca criou os dois filhos. A família cresceu. São quatro netos e, nos próximos dias, chegará a primeira bisneta.

Aos 62 anos, Vera voltou a ter gosto pela vida. No grupo de idosos de Taguatinga, com o incentivo da assistente social Carmem de Oliveira, reencontrou o antigo violino. O tempo não apagou as lições aprendidas quando criança. Ela não tinha esquecido as notas. Pelo contrário.

Parecia afiada, como se tocasse todos os dias. "Fiquei no sétimo céu", conta. Com o incentivo do grupo, a artista tocava em teatros e restaurantes. A alegria durou pouco. A paralisação das atividades na escola de música do Sesi trouxe tristeza. Vera chegou, inclusive, a vender o violino.

VISITA INUSITADA

Quando completou 74 anos, surgiu mais uma oportunidade. Edson Aparecido de Araújo, 40 anos, músico, recebeu uma visita inusitada nas aulas de música do Sesi. Vera bateu à porta e, com o novo violino nas mãos, perguntou se poderia tocar. Aluna aplicada, atenta às explicações do professor, a violinista mostrou afinidade com o instrumento. Hoje faz parte da orquestra do Sesi, da escola de música e da orquestra de cordas de Taguatinga. Divide o palco do Teatro da Praça com músicos jovens. "Ela é energia pura. Não falta aos ensaios. Virou mãe e avó do grupo", diz o colega adolescente Raphael Egidio.

A violinista estuda diariamente duas horas em casa. A pressão alta e a diabetes inesperada exigem caminhadas matinais. Vera não consegue ficar parada. Pinta panos

de prato e só não lê porque a vista anda fraca. Raramente assiste televisão. Não tira soneca à tarde. Passeia pelo shopping e na feira da Torre de TV. Gosta de ouvir música e é apaixonada por Mozart. Anda de ônibus sozinha. Vaidosa, a violinista não dispensa um batom discreto nos lábios e protetor solar para evitar o sol na pele clara. Mantém o cabelo esbranquiçado sempre curto, na altura dos ombros. Quando não vai aos ensaios da orquestra, fica aborrecida.

Não imagina o que faria se não pudesse tocar. Respira música. Os dedos frágeis deslizam com facilidade pelas quatro cordas do instrumento. Vera nunca estudou português. Conhece pouco das regras da gramática. Aprendeu a língua com o marido. Gosta de viver no Brasil. "Aqui é possível ter liberdade. Ninguém imagina o que é uma guerra", conta. Não trocaria a nova pátria e o precioso violino por nada. E dá uma lição aos mais novos. Acha que ninguém deve desistir do sonho. "Consegui realizar o meu somente agora, aos 78 anos. Quem quer alguma coisa corre atrás. Hoje, só o corpo sente os efeitos da velhice. Só queria pedir a Deus mais saúde e energia para continuar tocando", espera.

Treze vidas por amor à música

Salão lotado na última apresentação da Orquestra de Cordas de Taguatinga na noite de quinta-feira, no Teatro da Praça. No repertório, músicas populares, eruditas e barrocas. A Orquestra, que foi formada há quatro meses, conta com 13 integrantes, divididos entre violinos, violas, violoncelos, contrabaixos e violões. Os ensaios ocorrem todos os sábados, de manhã. Amanhã o grupo se apresenta às 19h, na sede da Fundação Bradesco, em Ceilândia.

Segundo o coordenador artístico Edson Aparecido de Araújo, o trabalho com a Orquestra está começando. A idéia é despertar novos talentos na comunidade, ensinando a arte de tocar instrumentos de corda. Falta, porém, patrocínio. As despesas com alimentação, combustível e passagens são custeadas pelos integrantes. "Fazemos isso por amor à música", diz Edson.

SERVIÇO

Para contatos com integrantes da Orquestra de Cordas de Taguatinga, os interessados podem ligar para 987-0442, 561-0900 e 321 0410 Bip 1065.